



UNBROKEN

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
JANE HENRY

Índice

[Página de título](#)
[Direitos autorais](#)
[Conteúdo](#)
[Sinopse](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Epílogo](#)
[Epílogo bônus](#)
[Reis Bratva](#)
[Visualização](#)
[Conheça Jane](#)

InqueBráveL
UM ROMANCE SOMBRIO DA MÁFIA SOMBRIA
ENTRE PAI SOLTEIRO

REIS BRATVA

JANE HENRY



OceanofPDF.com

Inquebrável: Um Romance Sombrio de Pai Solteiro da Máfia

Copyright © 2025 por Jane Henry

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra literária de ficção. Quaisquer nomes, lugares ou incidentes são produto da imaginação do autor. Semelhanças ou semelhanças com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou estabelecimentos, são mera coincidência.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor, exceto pelo uso de breves citações em uma resenha de livro.

A reprodução, transmissão, distribuição ou uso não autorizado de obras protegidas por direitos autorais no treinamento de Inteligências Artificiais (IA) é ilegal e uma violação da lei de direitos autorais dos EUA.

Fotografia de capa por Wander Aguiar

Design de capa por The Book Brander Boutique

ISBN: 978-1-961866-32-4

OceanofPDF.com

Conteúdo

[Sinopse](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Epílogo](#)

[Epílogo bônus](#)

[Reis Bratva](#)

[Visualização](#)

[Conheça Jane](#)

OceanofPDF.com

Sinopse

Vadka Dragunov — executor da Bratva, estrategista de sangue frio... e viúvo da minha irmã.

O homem que construiu seu império com sangue e o protegeu com silêncio. O homem com um olhar que me mantém refém — e uma voz que me corta através de mim. Eu o evitei, evitei todos eles, enquanto me afundava na minha própria dor após a morte da minha irmã.

Mas agora não há escapatória. Estou vivendo no mundo dele. Fui alvo. Os irlandeses querem a guerra. E o único lugar seguro que resta é sob sua vigilância... ou sob ele.

Ele é um pai solteiro agora — assombrado, vingativo e perigoso. Um homem que lê histórias de ninar com as mesmas mãos que puxam gatilhos. O homem que destruiria o mundo para manter seu filho seguro.

Ele me acha imprudente, caótica, imprevisível. Eu era apenas uma criança quando nos conhecemos. Ele sempre me chamou de pequena Ruthie.

Mas não sou mais criança, e vejo o que ele esconde por trás de todo esse controle — a obsessão fervilhando logo abaixo da superfície. O jeito como ele me observa como se quisesse me destruir... ou me devorar.

E agora a mesma perda que nos separou está nos aproximando.

Muito perto.

Isso nunca deveria ter acontecido.

Eu não deveria acabar na cama dele.

Eu não deveria querer que ele me reivindicasse como se fosse minha dona.

E eu com certeza não deveria estar carregando o único segredo que poderia destruir tudo.

A Bratva está se fragmentando. Os irlandeses querem sangue.

E estou me apaixonando perdidamente pelo homem que não posso ter.

Mas isso é amor... ou apenas o que resta de nós depois que todo o resto foi destruído?

OceanofPDF.com

Capítulo 1

VADKA

UMA GARRAFA VAZIA rola pelo chão, brilhando à luz do sol — luz do sol?

Droga, já amanheceu. Fiquei acordado a noite toda?

A garrafa para na ponta da minha bota.

Eu não me movo.

Meus dedos doem, machucados e rachados sob uma crosta de sangue que não é só meu.

Olho para ele. Droga, acho que *a maior* parte não é minha.

Jesus. Minha cabeça está me matando.

Não me lembro de quantos homens matei.

O ar cheira a odor corporal e uísque. No canto da sala, um sapato feminino gasto jaz, quebrado e torto, sombreado pela porta. Meus olhos o encontram e, por um momento, algo letal se contorce dentro de mim. .

A lembrança me invade. Uma noite despreocupada na cidade. A mão de Mariah no meu braço para impedi-la de desmaiar. Seu riso e grito estridente quando o salto quebrou e ela quase caiu de cabeça na rua. Minha esposa, em meus braços, com os olhos brilhando para mim. Um pouco embriagada. Despreocupada.

Tão cheio de vida.

Eu empurro a lembrança para longe, para longe da vista, enterrada sob tantos sentimentos que não consigo nomear.

Os irlandeses tiraram minha esposa de mim. E até o último filho da puta vai pagar.

“Vadim.”

A voz do Rafail é baixa e áspera. Ele quase nunca me chama pelo meu nome de batismo. Todos me chamam de Vadka, até ele, quando não está chateado ou falando sério, o que acontece na maior parte do tempo.

Não olho para ele. Olho fixamente para a frente... para o nada. Só eu, aqui com meus fantasmas e demônios.

"Você *tem* que parar com isso." A forma sombria de Rafail se aproxima de mim, com cuidado para não escorregar na porra do sangue que nos cerca. Vestido de terno ao raiar do dia, ele ou está pegando um voo internacional ou ainda não foi dormir. "Você *tem* que parar com isso", ele repete.

Ele se agacha na minha frente, com os olhos sérios fixos nos meus. O mais velho da família, Rafail Kopolov, comemorou seu trigésimo aniversário há apenas alguns anos. O *pakhan reinante mais jovem* da Europa, mas um dos mais temidos. Ele é meu *pakhan*. E meu melhor amigo.

“Você vai trazer uma devastação que não posso conter, Vadka,” Rafail diz. Seu tom de voz suaviza um pouco, mas o fato de estar usando meu apelido significa que ele está se esforçando.

"Eles a mataram." Minha voz está rouca. Nunca fica mais fácil dizer isso em voz alta. *Nunca*. Meus olhos finalmente se erguem para Rafail, minha voz rouca. "Eles mataram minha esposa, Rafail."

Seu maxilar se contrai. "E o que acontece quando você incendiar todas as cidades daqui até Belfast? Acha que vai encontrar Mariah do outro lado?"

A dor atinge meu peito como uma faca, tão aguda e visceral que, a princípio, não consigo respirar.

"Eu não me importo nem um pouco", consigo dizer com dificuldade. Meu peito arfa. "Nós vamos encontrá-los."

"Eles já estão chegando", ele dispara. "Os irlandeses querem guerra. Matvei está trabalhando na decodificação do pendrive que capturamos. Eles querem sangue por sangue, irmão, mas você deu a eles todas as desculpas." Ele se inclina. "Quantos mais inocentes precisam morrer?"

Minha boca se contorce amargamente e balanço a cabeça. "Eles querem guerra? Ótimo. E eu não matei *um* inocente, Rafail." Coço o peito para me distrair da sede inegável por uma bebida. Minha voz está rouca. "Nenhum."

"Ainda não", ele diz suavemente.

O silêncio se instala entre nós. Rafail passa a mão pelos cabelos e se levanta, andando de um lado para o outro. Quase me sinto mal por colocá-lo nessa situação. Eu não queria guerra. Nunca quis derramar mais sangue do que o necessário.

Mas isso foi antes. Isto é agora .

Eles puxaram o gatilho e deram o grito de guerra quando mataram minha esposa.

Minha esposa.

O olhar de Rafail se dirige ao sapato quebrado no chão. Ele engole em seco. É então que ele me conta sobre as vidas inocentes em jogo, o quanto trabalhamos pela paz e me lembra dos nossos recursos limitados. Ele pode até usar sua autoridade.

Mas desta vez, ele não diz nada disso. Não. Um lampejo de medo genuíno parece atravessar suas palavras quando ele diz num sussurro rouco: "Pense em Luka".

As palavras me atingiram com mais força do que o punho dele. Minha respiração congela.

Luka. Meu menino. Meu milagre, dormindo e seguro.

Rafail insiste mais. "Você acha que Mariah morreu para que você pudesse abandoná-lo? Ou para lhe causar mal por sua própria imprudência?"

"Não, Rafail." Passo a mão pela testa enquanto uma dor aguda me pressiona o peito, dificultando a respiração. " *Não.* "

"Eu preciso. Não posso deixar você destruir tudo o que construímos e tudo o que esperamos por vingança. Não posso."

Tiro a mão do rosto e o encaro. "Como se você não fosse arrasar a porra da *terra* se alguém matasse a Polina."

Ele se encolhe como se eu o tivesse esbofeteado. Sua mandíbula se aperta e ele desvia o olhar. Nós dois sabemos a verdade. Ele gostaria de dizer a si mesmo que tomaria decisões que beneficiariam o resto da família. e nossa Bratva. Ele gosta de pensar que não cederia à tentação de assassinar toda a linhagem de qualquer filho da puta que tocasse num fio de cabelo dela. Mas nós dois sabemos a verdade.

Ele perderia a cabeça . O Rafail que todos nós conhecemos e amamos desapareceria e seria enterrado para sempre.

Assim como eu.

Assim como eu quando perdi Mariah — meu último elo com a sanidade. Sem ela, o mundo se torna confuso e perde o sentido.

"Não abandonarei Luka", digo a ele, com a voz embargada. "Vou limpar esta cidade de qualquer vestígio dos irlandeses antes que eles cheguem perto dele."

Ele se vira para ir embora, e a garrafa vazia rola e bate no meu pé. Sou tomado por uma raiva ofuscante e irracional. Sem pensar duas vezes, pego a garrafa e a jogo do outro lado da sala. Rafail observa, implacável.

O som de vidro quebrando não faz o que eu esperava. Só faz o que está quebrado parecer irreparável.

"Então saia desse atoleiro de merda e aja como tal", Rafail dispara, sua paciência limitada se esvaindo. "Porque agora, irmão, você está *se afogando*. E está arrastando o resto de nós para o fundo junto. Prometa-me. Chega. Não até eu te dar sinal *verde*."

Concordo com a cabeça, com a voz rouca. "Eu prometo."

Levanto-me lentamente, com o olhar fixo em Rafail. Minha respiração ainda ofegante com o esforço de quebrar a garrafa. Com o esforço de não desmoronar.

"Talvez nós os afogemos *primeiro*."



Capítulo 2

RUTHIE

LIMPO o balcão do bar pela centésima vez.

"Sabe", diz Zoya, pensativa, inclinando a cabeça para o lado. "Tudo bem só limpar isso umas cinquenta vezes. É um bar, Ruthie, não uma sala de cirurgia."

Aos 20 anos, Zoya Kopolova é facilmente a mais jovem aqui. Pequena, com cabelos castanho-escuros e olhos castanhos, ela torna o ambiente mais acolhedor e o público mais amigável.

"É o que *you* pensa." Minha voz é monótona, mas meus lábios se curvam. "Se você soubesse o que realmente acontece num bar, perceberia que não é tão longe de uma sala de cirurgia quanto se poderia pensar." Aqui, corações são partidos e remendados, passados enterrados e trazidos à tona. Aqui, casais se encontram e se separam. Já vi de tudo e às vezes me imagino parte terapeuta, parte milagreira.

O Wolf and Moon não é um bar popular para jovens adultos, mas sim um bar mais antigo com madeira desgastada e assentos confortáveis. Para clientes regulares. Ficamos quase lotados durante a semana, e nos fins de semana é quase insuportável.

Há lugares mais badalados para os mais jovens, mas Zoya escolheu este lugar. Ela sempre foi o que minha mãe chamava de "alma velha".

"Volte a encher, por favor", Zoya pede docemente, empurrando seu copo vazio para mim.

"Você já não tomou dois?"

Zoya é a irmã mais nova de todos e minha amiga íntima. Não consigo evitar.

"Estou bem", ela diz, com uma covinha adorável se formando entre as sobrancelhas. "E aí. Sério. A pergunta mais adequada é: como você está?"

"Tudo bem", minto.

Estou aqui, não estou? A verdade me arranha a garganta. Não precisamos falar sobre as noites sem dormir, as crises de ansiedade, as memórias que surgem como fantasmas quando menos espero.

Odeio trabalhar aqui agora. Toda vez que ponho os pés neste lugar, lembro-me de tudo o que aconteceu naquela noite em detalhes sórdidos e apavorantes.

"Como eles estão?", pergunto baixinho a Zoya, sem encará-la. Ela sabe exatamente de quem estou falando.

Não vejo a Vadka nem o meu sobrinho há semanas. Meses, até. Não consigo. É muito doloroso e, sinceramente, sinto-me um merda por causa disso. Quem abandona o marido e o filho da irmã morta?

Eu, sou eu .

Mas me dói cada vez que olho para o pequeno Luka e vejo os olhos da minha irmã. Vejo a dor crua em Vadka que reflete a minha.

"O Luka é ótimo", diz Zoya baixinho. "Ele gosta de brincar com o Stefan."

"Ooh. Perfeito."

A irmã de Stefan, Anya, casou-se com um membro da família Kopolov.

"O Stefan é tão bom com ele. Sério, todos são."

Sinto um nó na garganta. Eu sei. Era uma das coisas que minha irmã Mariah mais amava na família Kopolov, a família com a qual ela se casou por procuração. Encontrou uma família. Uma família extensa imediata para o filho dela. Algo que nenhum de nós jamais poderia oferecer a ele.

"E Vadka?"

Zoya desvia o olhar por um momento, sem responder. Odeio como às vezes nenhuma resposta é uma resposta.

Meu coração dói e lágrimas indesejadas brotam em meus olhos.

"Não sei quanto à Vadka", diz Zoya suavemente, com o rosto dolorido. Ela morde o lábio como se tivesse falado demais.

"O quê?", inclino-me para mais perto. "Do que você está falando?"

Já se passaram três meses.

Uma eternidade.

Ontem.

"Bem, ele... ele não está nada bem depois da morte da Mariah, só isso. Ele levou a situação a sério. "

Como não poderia? Ele se apaixonou por ela quando eram jovens. Casaram-se, compraram uma casa e tiveram um filho. E ficaram *apaixonados*. Perdidamente apaixonados. Eu não acreditava em destino até eles dois se conhecerem.

Meu nariz formiga e minha garganta dói.

Não consigo pensar nisso agora. Tenho trabalho a fazer.

Então, me viro um pouco para o lado para que Zoya não me veja, mesmo sem conseguir esconder o tom rouco da minha voz. "É? O que ele está fazendo?"

Zoya dá de ombros. "Ele meio que sumiu... bom. Vampira, acho que você chamaria assim? Se ele não fosse o melhor amigo do Rafail..."

Por conta própria?

O que?

Meu estômago dá um nó.

"Bem, ele está cuidando do Luka?", pergunto bruscamente. Meu pulso está acelerado demais e há um zumbido estranho nos meus ouvidos.

Zoya se encolhe. "Sim, ele disse que contratou uma babá ou algo assim? E o Luka começa a escola em algumas semanas, então..."

Ele sabe? Como eu não sabia disso?

Meu coração dói. Preciso dar uma olhada neles. *Preciso* mesmo. Afasto-me completamente de Zoya para me recompor.

E é então que a vejo. Mesa de canto. Jovem e bonita demais para o seu próprio bem, olhos arregalados, mas... frágeis. Ao lado de um homem que se inclina demais. Os nós dos dedos dele estão tensos, esbranquiçados ao redor do vidro, o flerte mal disfarçando a agressividade e a violência. olência.

Já vi esse tipo umas cem vezes. Uma vez já é demais.

O sorriso dela não alcança os olhos. Seus dedos arranham o guardanapo. *Droga*.

Eu conheço esse olhar. Já *usei* esse olhar. E minha irmã também, mas nunca por causa da Vadka.

Fiquei meio grato pela distração.

Sem diminuir o passo, vou até a pilha de copos limpos atrás do balcão e pego um novo, como se estivesse cuidando da minha vida. Pisco para ela pelas costas dele e indico o banheiro feminino com o queixo. Seus olhos se arregalam antes que ela se sente mais ereta.

Dentro de cada cabine e colado na parede do banheiro feminino está o nosso protocolo de segurança: um número para enviar uma mensagem de texto caso você esteja com problemas ou um pedido que uma mulher possa fazer. Uma "dose de anjo" significa que *preciso de ajuda*.

Vejo-a se desculpar e ir ao banheiro. Aceno para Zoya, que assistiu a toda a conversa. Com um sorriso para mim, ela vai ao banheiro alguns segundos depois.

Zoya adora ajudar mulheres em perigo, e ela é boa nisso. Rafail, seu irmão mais velho, perderia a cabeça se ela estivesse perto de uma situação potencialmente volátil.

Observo o homem bater os dedos nervosamente na mesa, com o maxilar se contraindo, antes de olhar para o lado e habilmente tirar algo do bolso. *Bingo*. O filho da puta enfia o comprimido na bebida dela tão rápido que qualquer um teria perdido se não estivesse esperando exatamente esse movimento. .

Ainda bem. Não se pode salvar uma garota que não quer ser salva, e ela ainda não reclamou. Mas é contra a lei drogar alguém, então esse babaca acabou de comprar uma passagem para o inferno.

Com o pulso acelerado, minhas mãos permanecem firmes o suficiente para digitar uma mensagem para a segurança.

Mesa seis. Drogaram a bebida. Puxaram-no

A resposta é quase instantânea. Segundos depois, quatro dos nossos seguranças se aproximam. Vejo o homem enrijecer, erguendo o olhar bruscamente.

"Algum problema aqui?", pergunta Anton.

O rosto do homem fica pálido. "Não, estou bem."

Zoya sai do banheiro, com a jovem atrás dela.

"O-o que está acontecendo?" ela gagueja.

"Esse merda tentou te drogar, querida", digo a ela, com a voz firme e ríspida. "Mas não hoje à noite." Antes que ele possa responder, Yuri puxa o homem pelo colarinho e o joga contra a lateral da cabine.

"Você acha que somos cegos?", Yuri dispara.

"Yuri." Meu tom é tenso. "Leve-o para os fundos antes que os Kopolovs descubram isso."

As instruções de Rafail são claras: qualquer um que drogar uma mulher no Wolf and Moon, nós dizemos a ele, e Vadka faz uma visita.

Meu coração bate mais rápido. Sei exatamente o que vai acontecer se Vadka descobrir. Não é com a vida do homem que estou preocupada, mas não quero que Vadka se meta em mais problemas. .

Rafail quer que se espalhe a notícia de que predadores não são bem-vindos em sua cidade. Soltar Vadka envia uma mensagem forte e sangrenta: este lugar é protegido. As

mulheres aqui estão sob nossa vigilância. Se você tentar qualquer coisa, você desaparece. Gestão de reputação através do medo.

Rafail não faz isso por gentileza. Ele está protegendo seus bens. Sua cidade. Sua reputação. Mas isso o faz parecer um protetor, e ele vai se apropriar dessa imagem — especialmente quando são os punhos de Vadka que falam por si.

Yuri hesita, me encarando com raiva. Ele *quer* ver Vadka lidar com esse filho da puta. Suspiro. Eu também. Mas não esta noite.

" *Vai* ", eu digo bruscamente. Tenho o protocolo da empresa do meu lado, e Yuri não quer perder o emprego.

Viro-me para a garota. Suas mãos tremem enquanto ela aperta a bolsa contra o peito.

"Você está bem?", pergunta Zoya, baixinho. Ela se aproxima de nós enquanto o resto do bar volta a beber.

Ela acena rapidamente. "S-sim. Eu acho. Eu..."

Zoya coloca a mão no ombro dela. "Ei. Você não é quem deve explicações a ninguém. Tem alguém para quem ligar?"

A menina assente e engole em seco.

Zoya a guia até uma mesa silenciosa. O bar prende a respiração, observando a cena se desenrolar, antes que os copos tilintem e as vozes se elevem novamente. .

Retomo meu trabalho, atendendo pedidos, quando meu celular vibra com uma mensagem. Imagino que seja de Anton, me dizendo que o predador foi dominado.

Dominado significa que ele não vai voltar. *Dominado* significa que, hoje à noite, os predadores não vencerão.

Mas não é Anton.

Meu coração bate forte quando vejo *Vadka*.

Meu polegar paira. Meu pulso acelera.

Que idiota. É só um nome. Só um homem.

Apenas um homem com mãos que poderiam esmagar crânios e uma voz que chama a atenção.

Apenas um homem que amava minha irmã.

Volto a servir as bebidas como se minhas mãos não estivessem tremendo, tentando me recompor. Como se eu já não estivesse respondendo a ele fingindo que não vi.

Por fim, quando não há mais ninguém para atender, suspiro e abro o texto.

Vadka

Você está escondendo algo de mim, Ruthie?

Fecho os olhos por um instante, já sentindo o gosto ardente em suas palavras. Ele não brincava com ninguém *antes de* Mariah ir embora, e agora que ela foi embora, qualquer resquício de educação desapareceu.

Meu coração bate mais rápido e minhas mãos ficam imediatamente úmidas. Qual desses desgraçados me dedurou?

Eu consegui resolver isso sem que você precisasse adicionar outra tatuagem na colagem, Vadka .

A Bratva marca ações com tinta. Ele não precisa de outro assassinato. Não sob minha supervisão.

Vadka

Você me privou da chance de colocar um predador no chão? Por quê?

"Com licença? Alguém aqui quer anotar um pedido de bebida?"

"Já vou. Desculpe, tivemos uma pequena confusão agora há pouco que eu tive que resolver." Atendo as três jovens que estão no balcão antes de responder à Vadka.

Porque você tem um filho e eu não vou deixar meu sobrinho ficar sem mãe e sem pai.

Agora minhas mãos *estão* tremendo.

Filho da puta.

Guardo o telefone e ignoro o resto das mensagens.

Ignoro o verdadeiro motivo pelo qual não o quero aqui esta noite.

Quatro horas depois, quando o bar finalmente fecha, ainda tenho a rotina noturna para completar, mas pego meu telefone para verificar minhas mensagens.

Solto um suspiro. Acho que não. Tenho trabalho a fazer. Ele pode esperar.

Repito a preparação de amanhã e limpo o bar novamente. Limpo o suficiente para a cirurgia agora.

Vadka

Você me subestima.

Ah, não, eu não. Esse é o problema. .

Pego uma vassoura e varro o chão, jogando migalhas e poeira numa pilha sem pensar.

Varro sem rumo, tentando terminar o trabalho.

Pensei em sair do bar depois da morte da Mariah, mas este é o lugar que chamo de lar, e odeio pensar que sou tão covarde a ponto de não aguentar a pressão. Sério. Sou *adulta*.

Viro as costas para o banheiro, para o lugar que me lembra Mariah. Não consigo me lembrar daquela noite. Não, não agora.

Eu disse a mim mesma que se eu continuasse indo trabalhar, se eu continuasse colocando um pé na frente do outro, eu acabaria apagando da minha memória a lembrança dos seus olhos vazios e dos gritos de dor e devastação de Vadka.

Mas não posso.

Então, desta vez, não tento. Encaro o quarto vazio e o sussurro do fantasma de Mariah.

Deixo as lágrimas caírem silenciosamente e não me preocupo em enxugá-las.

"Por que você?", sussurro no silêncio. Se tivesse que ser uma pessoa aleatória, por que o universo teve que escolher *minha irmã* ? a mulher que era casada e apaixonada, a mulher com um *filho* ? Por que ela? Por que o sol em forma humana e não *eu* ?

Eu era a única que estava sozinha e quase indigna de amor. Eu era apenas uma bartender. Solteira, e provavelmente seria para o resto da vida. Eu não tinha filhos, e até minha mãe, que Deus a abençoe, me olhava através da névoa da demência e ainda me chamava de *Mariah*.

Por que não eu?

Engasgo com um soluço e deixo meus ombros caírem.

Por quê? Por que ainda estou aqui, e a única pessoa que amei mais do que a mim mesma foi apagada da existência para sempre? ?

Por que?

Meu telefone toca. Solução e olho para a tela com os olhos turvos.

Mãe.

Soltei um suspiro irregular e atendi o telefone.
Deixei-me esperar que, desta vez, ela se lembrasse.

"Olá?"

"Alô? Quem é?"

"Mãe. Mãe, sou eu. Você *me chamou*, lembrar?"

"Ahhh", ela diz, e eu me encolho com o que sei que vem a seguir. "Mariah, querida, você pode me trazer algumas compras, por favor?"

"Não é a Mariah, mãe. É a Ruthie", sussurro, fechando os olhos com força contra a dor que me sufoca. Não digo a próxima frase que está na ponta da língua. Não tenho energia para explicar de novo. Não consigo tornar nada mais difícil de novo.

Sou eu, mãe.

Mariah se foi.



OceanofPDF.com

Capítulo 3

VADKA

A TRISTEZA É ESTRANHA. Juro por Deus, ela te apodrece por dentro, então você ainda carrega a forma de quem você era, mas por dentro, você é apenas... oco.

Pelo menos é assim que parece.

A casa está muito silenciosa, mesmo quando Luka está acordado e empurrando seus caminhões contra as paredes, com direito a efeitos sonoros.

Sento-me na sala de estar, largado na minha poltrona. Esta foi uma das minhas compras favoritas quando comecei a trabalhar com os Kopolov — uma poltrona grande, bem-construída e luxuosa de couro. Minha família nunca teria condições de comprar algo tão bom quanto isto quando eu era criança, e foi a primeira coisa que minha mãe apontou quando chegou aqui, com o nariz empinado, fungando. "Bela cadeira."

É uma boa cadeira. Resistente. Amaciada o suficiente para parecer minha. Eu a levava de um lugar para outro sempre que fazíamos as malas e recomeçávamos. .

Eu costumava sentar aqui com meu laptop, trabalhando enquanto Mariah ficava por perto.

Tínhamos uma piada recorrente sobre a minha cadeira. Ela sabia muito bem que aquele era o meu espaço, e por isso se acomodava ali — de pernas cruzadas, me encarando com aquele brilho de desafio fingido nos olhos se eu trabalhasse até tarde e ela sentisse minha falta.

Um desafio. Uma ousadia.

Esta é a cadeira onde eu tomava minhas bebidas depois das últimas notícias de Rafail e onde eu embalava meu filho recém-nascido para dormir, para que Mariah pudesse descansar um pouco enquanto eu conseguia convencê-la a deixá-lo de lado por um tempo.

Tenho muitas lembranças desta cadeira.

Mas hoje à noite, mal consigo me lembrar de uma.

Olho fixamente para o copo vazio que deixei ontem à noite na mesinha entre a minha cadeira e o sofá. É quase clichê. Esposa morre. Afoga a dor e a tristeza na bebida. Morre para o mundo.

Eu sou um clichê do caralho.

Mas tem um motivo. É *realmente* melhor quando tudo fica dormente por um tempo. Isso me ajuda a ignorar qualquer lembrança da minha esposa.

Algumas noites, juro que ainda consigo ouvi-la se mexendo na cozinha, batendo panelas e frigideiras e cantando desafinado.

Mas estamos sozinhos aqui, Luka e eu.

Foi por isso que contratei uma babá. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Meus fracassos apertam meu peito .

Estou falhando como pai.

Fracassando como homem.

Fracassando como espinha dorsal da família.

Eu falhei com minha esposa.

Eu tinha acabado de fechar os olhos quando a campainha toca. Olho para as horas no meu celular. A babá só chega daqui a uma hora. Gosto de pontualidade, e um pouquinho mais cedo está tudo bem, mas isso me parece quase intrusivo. Indesejável.

Eu me levanto com um esforço e tento disfarçar a inevitável carranca no rosto. Não posso deixar o novo contratado sair correndo tão cedo. Se minha reputação me precede, terei que pelo menos fingir ser amigável.

Mas no instante em que abro a porta, percebo que cometi um erro. Não é a babá nova. É a Ruthie.

E ela parece irritada.

Ela nem espera ser convidada a entrar, apenas passa por mim, uma tempestade de fogo em forma humana.

Droga. Os olhos dela parecem os da Mariah quando me olham daquele jeito — o mesmo olhar arregalado, quase inocente, salpicado de perigo.

Quero agarrá-la pelos ombros fortes e jogá-la para fora.

"Ei. Que diabos você está fazendo aqui?", eu respondo, irritada. Esta é a minha casa. "Você não trabalhou ontem à noite?"

Ela revira os olhos. "Tanto faz. Eu consigo sobreviver dormindo muito pouco. E, de qualquer forma, não consegui dormir por causa do que ouvi dizer que estava acontecendo com o Luka." "

Pisco, surpresa. Do que diabos ela está falando? "Tem alguma coisa acontecendo com o Luka que eu preciso saber?"

Ela cruza os braços. "Você realmente não sabe? Meu Deus, Vadka, minha irmã teria enlouquecido . "

Quando Mariah estava aqui, eu raramente via isso — quase nunca pensava que Ruthie e Mariah eram parecidas. Mariah era mais alta e magra, mais arrumada e organizada. Ruthie é menor, mas mais curvilínea, caótica e impulsiva. Mas agora que ela está parada na minha frente falando sabe-se lá o quê, eu consigo ver — o mesmo brilho nos olhos, o mesmo narizinho arrebitado, o mesmo queixo desafiador. Ela até tem um pequeno redemoinho no lugar de Mariah, bem acima do olho direito.

Desvio o olhar. Não consigo pensar assim, porra.

"O que você ouviu?", eu pergunto bruscamente, com a voz áspera, mas baixa e uniforme. É assim que se mantém o controle. Mantém a calma. Mantém a frieza. Mantém o distanciamento.

"Você não tem ideia? Como pode não saber?" Ela dá um passo em minha direção. Meus olhos se fixam em seus lábios, carnudos e brilhantes, nada parecidos com os da Mariah. Graças a Deus. Desvio o olhar novamente.

Há algo no tom dela — tenso, ríspido — que me faz endireitar. Meu primeiro instinto é reagir, mas não o faço.

Ela solta um suspiro brusco, andando alguns passos pela sala antes de se virar para mim novamente. "Aquele idiota tentou seguir a babá do Luka do parque para casa ontem à noite. Ela entrou em pânico e desistiu."

Eu a encaro.

"O quê? Que porra é essa? Ela pediu demissão e não me contou?"

"Ninguém *me disse*", ela repete, com a garganta apertada. .

"Te contar o quê?" Balanço a cabeça. "Obviamente, você sabia, já que você acabou de..."

"Que você contratou uma babá, uma *estranha*, Para cuidar do filho da minha irmã! Zoya sabia da babá. Aparentemente, ela correu para os Kopolov. O Rafail não te contou?"

Passo a mão pelos cabelos e balanço a cabeça.

Ruthie coloca as mãos na cintura. "Cadê seu celular, Vadka?"

Olho nos bolsos. Não estão lá. Passo a mão no cabelo novamente e olho ao redor da sala. Nossa, parece uma merda aqui. Vou até o sofá e arrasto um cesto de roupa suja, tropeçando em um par de sapatos do Luka.

"Ninguém me disse nada. Eu teria lidado com isso", digo entre dentes.

"Você faria isso?", pergunta Ruthie, afastando papéis e correspondências fechadas, garrafas de água vazias e pratos de papel. "Porque, do meu ponto de vista, parece que você não tem nada *resolvido*."

Eu me levanto e endireito os ombros. De jeito nenhum essa pirralha vai entrar aqui e me dar uma bronca na minha própria casa.

"Você está na minha casa", lembro a ela, com a voz baixa, mas cheia de advertência.

"Você não pode entrar aqui e falar comigo desse jeito. Sai fora, Ruthie."

Ela aperta o maxilar. " *Não*. Quero ver meu sobrinho."

"Então para de me xingar, porra." Balanço a cabeça. "Meu Deus. Um homem perde a esposa e não consegue se desmanchar nem um pouquinho? "

"Quando você tiver um filho? *Não*."

Um calor me percorre o peito enquanto continuamos a discutir, procurando meu celular. "Luka está *bem*. Estou cuidando do meu filho."

Ela olha para mim — olha *de verdade* para mim — e algo muda. A fúria não desaparece, mas se transforma em outra coisa. Algo mais triste.

"Eu sei que você está se afogando, Vadka." Sua voz abaixa. "Eu sei como é. Mas Luka não está. E ele precisa da gente."

Isso me atinge como um soco nas costelas. Meus olhos ardem e minha garganta fica apertada.

Abro a boca para falar, mas não consigo. Se não conseguir, vou chorar feito um bebê.

Ruthie amolece. "Aqui está o seu telefone", diz ela, entregando-o para mim.

Com certeza, está morto e desligado. "Morto", digo com um suspiro. Estremeço assim que as palavras chegam aos meus lábios. "Vou carregá-lo."

Ela assente e se abraça como se estivesse com frio. Como se estivesse tentando se controlar.

Eu também conheço esse sentimento.

"Onde ele está?" ela sussurra.

"Ainda dormindo se sua birra não o acordou."

Ela revira os olhos. "Bem, eu fico até ele acordar. A menos que você esteja planejando ligar para o trabalho dizendo que está doente e dizer ao Rafail que não vai conseguir vir hoje? Quando já é o fim do trimestre e alguém ameaçou a sua babá ontem à noite?" "

Eu deveria mandar ela embora. Ela não tem esse direito. Essa é *a minha* bagunça.

Mas Luka é sobrinho dela, e eu preciso ver Rafail.

"Certo. Preciso tomar um banho." Olho para o quarto do Luka por instinto. Faz tanto tempo que não tomo banho sem me preocupar com onde ele estava ou o que ele precisava de mim. É bom ter outra adulta aqui, mesmo que ela esteja me dando mico.

Conheço a Ruthie há quase tanto tempo quanto conheço a Mariah. E sei com certeza que ela é impulsiva, mas se acalma, e o coração dela é enorme. Ela vai se acalmar. Que droga, provavelmente fez bem em me dar uma bronca.

Viro-me para ir embora, e algo dentro de mim me diz para parar. Para me virar e perguntar como *ela* está. Para talvez abraçá-la ou algo assim, algo... um irmão faria. E se ela precisar disso agora?

Mas quando me viro, ela está na metade do caminho para a cozinha, com a vassoura na mão. Olho para ela, abro a boca para falar, balanço a cabeça e vou até o banheiro.

Entro no meu quarto na ponta dos pés. Luka chegou em algum momento no meio da noite, esparramado de barriga para baixo, com o cabelo bagunçado e os lençóis emaranhados. Aos quatro anos, já consigo dizer que ele será alto como eu, mas magro como a mãe. Fico feliz que ele esteja dormindo. Eu o amo tanto que chega a doer, mas agora não quero que ele me olhe com os olhos da mãe.

Deixo a porta do banheiro parcialmente aberta para poder vê-lo e ficar de olho nele enquanto tiro a roupa. Nossa, preciso muito de um banho. Estou com o mesmo cheiro de quando praticava esportes na faculdade. Mariah costumava torcer o nariz e me mandar tomar banho, então, naturalmente, eu a pegava e... Beijá-la toda suada, só para que ela lutasse comigo, e eu pudesse dominá-la e beijá-la. Sorrio para mim mesmo enquanto joga as roupas no chão e ligo o chuveiro.

Olho pela fresta da porta e vejo Luka ainda dormindo profundamente. Fecho os olhos e aperto a ponta do nariz. Meu Deus, meu bebê. Tão jovem para perder a mãe.

Entro no chuveiro, grata pela água quente e fumegante. O frasco de xampu está vazio, então esguicho um líquido roxo esquisito para bebês na palma da mão e me viro. Limpo rápido, querendo voltar para o meu filho e sair dali para poder trabalhar. Ruthie não está brincando. Rafail não brinca no final do trimestre, e meu trabalho secreto como proprietária e gerente geral da Black Line Security significa que tenho relatórios para entregar a ele.

Repreendo-me mentalmente por ter perdido o controle. Ruthie tem razão. Minha casa está em ruínas, não me lembro da última vez que fiz compras no supermercado e o Rafail vai me dar uma surra por deixar meu celular descarregar. Não gosto de me sentir assim fora de controle. Nunca sou assim.

Fico olhando para o nada quando algo me traz uma lembrança, pisco e volto a mim horas depois. O tempo passa de forma estranha quando você está de luto, eu acho.

Quanto tempo dura o luto? Eu pensei que já estaria melhor. E Luka mal pareceu registrar a perda da mãe. Ele perguntou por ela algumas vezes e chorou quando ela não voltou para casa, mas é jovem demais para realmente entender que ela se foi para sempre.

E eu sei como isso vai ser. Ele vai crescer com apenas vagas lembranças dela. E então, eventualmente, ele pode até esquecê-la. Encosto a cabeça na parede enquanto um novo

solução irrompe de mim. meu peito. É mais seguro chorar no chuveiro. Consigo esconder os sinais, e é mais difícil para qualquer um ouvir.

A dor me atinge como um maremoto. O fato de ela ter ido embora, de que eu nunca mais a abraçarei, nunca mais falarei com ela, nunca mais a verei presenciar todos os primeiros momentos do meu filho, parece uma realidade difícil demais para eu engolir. Meus ombros tremem e algo se solta no meu peito. A dor parece arrancada de mim, crua e tão dolorosa que mata.

Choro até que finalmente me sinto aliviada. Meu pai costumava me bater muito por chorar. Irônico. Talvez seja por isso que sinto a necessidade de me esconder quando choro. Mas, porra, um homem precisa desabafar um pouco.

Deixo a água espirrar no meu rosto e lavar minhas lágrimas, enxugo os olhos e espio pela cortina para ver Luka ainda dormindo profundamente.

Porra. Estou todo entupido e com catarro, e minha cabeça dói. Odeio isso. Não posso me deixar desmoronar toda vez que entro no chuveiro.

Desligo a torneira e pego uma toalha quando percebo que não trouxe nenhuma comigo. Cerro os dentes e olho para as roupas nojentas que joguei no chão e para a toalha de mão minúscula que está torta, provavelmente precisa ser trocada e nem enxuga meu ombro.

Muito bom.

Não quero acordar o Luka, mas...

"Ruthie", sibilo, puxando a cortina do chuveiro em volta de mim para ter um pouco de privacidade. Consigo ouvi-la na cozinha, mas não é tão longe assim. " *Ruthie.* "

Luka se mexe. Eu congelo. O garoto precisa dormir.

Merda.

Eu poderia pular do chuveiro nua, correr para o corredor onde estão as toalhas limpas e arriscar deixar minha cunhada me ver entrando em casa toda molhada.

Ou não.

Reviro os olhos e solto um assobio baixo e agudo. Luka não se move, e o som na cozinha cessa. Assobio novamente. Alguns segundos depois, ouço o som revelador de seus passos vindo em minha direção. Olho para Luka, que está rolando, mas ainda roncando baixinho.

"Você *assobiou* para mim?" Ruthie sibila da porta.

"Esqueci uma toalha."

Ela bufa para mim, a pirralha. "E então?"

" *Ruthie*, me traga uma toalha."

"Diga *por favor.* "

Cerro os dentes. Depois que ela sair daqui, vou trocar as fechaduras. " *Por favor.* "

"E me dê seu cartão de crédito."

"Você está me chantageando por uma toalha?", eu sussurro. *Meu Deus.*

"Não, você precisa de compras", ela diz, presunçosa como o pecado. "Espere aí."

Ouço seus passos recuarem, lentos e sem pressa, como se ela quisesse que eu morresse congelado ou sofresse. Provavelmente ambos.

Mas ela não me entrega uma toalha. Ela a pendura, deliberadamente, no gancho perto da cortina, fora do meu alcance. .

Ela sabe o que está fazendo.

"Aqui está", ela diz, inclinando a cabeça para mim. "Nunca diga que eu nunca te dei nada."

Olho fixamente através do vapor, a água ainda escorrendo pelo meu corpo. "Você podia ter me passado."

"Acho que sim. E você poderia ter agido como adulta e se lembrado da sua toalha. Sério, Vadka. Você só tinha uma função."

Esse sorriso. Esse sorriso doce e malicioso dela, isso é tudo Ruthie.

"Você quer mesmo jogar este jogo?", rosno. Enrolo a toalha na cintura e afasto a cortina. Seus olhos se arregalam e, em um segundo, ela rapidamente percorre meu peito nu, meus ombros e tronco tatuados, antes de perceber o que está fazendo. Suas bochechas ficam vermelhas.

Vejo o momento em que ela percebe que eu estava chorando — seus olhos se enchem de lágrimas e ela desvia o olhar.

"Vamos", ela sussurra. "Vista-se. Eu fiz o café da manhã."

Nós dois olhamos para o corpo adormecido do meu bebê.

"Ele sempre dorme na sua cama?"

Balanço a cabeça. "Não. Só que muita coisa desde que a Mariah se foi."

Ela assente, olhando para minhas roupas sujas espalhadas pelo chão. Meus olhos se demoram em um par de meias. Eu não era tão desleixado antes de ela morrer. Sou um homem adulto que gosta de suas coisas limpas. E Mariah perderia a *cabeça* por causa daquelas meias. Todo toda vez que eu os deixava no chão, ela agia como se eu tivesse jogado uma granada na sala de estar.

Lembro-me da última vez que brigamos por causa delas — palavras ásperas, ânimos exaltados. Encostei-a na parede e a beijei até acabar com a briga, depois lavei cada maldita roupa da casa enquanto ela assistia, presunçosa e linda.

A voz de Ruthie corta a memória.

"O lixo está cheio", ela diz por cima do ombro ao sair do quarto. "Leve-o para fora quando sair. Estou limpando a geladeira; você pode cuidar do lixo."

Resmungo, mas não respondo. Em vez disso, retribuo o cumprimento. Eu faço isso.

Pego roupas na gaveta e as coloco em cima da cômoda. "Aqui está meu cartão", digo a ela, tirando-o da carteira.

"Pensando bem, fique com ele", diz ela, ainda sussurrando. "Use para cortar o cabelo. Talvez até faça a barba enquanto estiver lá."

Eu levanto uma sobrancelha para ela.

"Minha irmã gostava de você barbeado", ela sussurra. Sua voz treme. Isso me atinge no peito, brilhante e sincero.

"É." Eu me viro. "Ela fez."

Ruthie vai embora, eu me troco e passo os dedos pelo meu cabelo comprido demais.

Não me barbeio. Inclino-me e dou um beijo no topo da cabeça desgrenhada de Luka antes de ir.

"Ele acorda mal-humorado. Faça-o fazer xixi. Não dê suco a ele até que ele coma." "

"Você está me dando ordens?"

"Quem, eu?", estendo a mão sobre o peito. "Nunca. Quanto tempo você vai ficar?"

Ela engole em seco e desvia o olhar, voltando-se para o fogão. "O tempo que você precisar de mim. O turno começa às 18h, e preciso chegar em casa para me arrumar." Concordo com a cabeça. "Vou mandar alguém te substituir muito antes disso. E vou entrevistar mais babás hoje."

Ela olha para mim, com os olhos marejados de lágrimas e o lábio inferior tremendo. Não consigo evitar. Vou até ela e a abraço com força. Ela se encaixa nos meus braços e encosta a cabeça no meu peito, mas não chora.

"Sinto falta dela", ela sussurra. "É difícil estar aqui. Me desculpe. É por isso que não vim."

Não consigo me conter. Beijo o topo da cabeça dela.

Por que eu fiz isso?

Ruthie congela como se não soubesse como responder.

"Eu sei. Você não precisa ficar. Posso levar o Luka até os Kopolovs; alguém estará lá."

Eles são minha família agora.

Ela balança a cabeça. "Não, eu também sinto falta dele. Quero vê-lo. Preciso. Desculpa, Vadka."

É nesse momento que percebo que ainda a estou segurando. Que ela cheira bem, que é curvilínea, bonita e... vulnerável.

Como eu .

Deixei-a ir como se ela estivesse pegando fogo.

Dê um passo para trás. Vire-se bruscamente.

"Voltarei o mais rápido possível", digo, batendo a porta atrás de mim.

A tristeza faz as pessoas fazerem coisas loucas.

Vou embora antes de fazer algo de que me arrependa.



PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Unbroken: A Dark Mafia Single Dad Roma..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).